

VOLUNTARIADO E PSICANÁLISE – uma parceria em busca de novos padrões de colaboração¹.

Patrícia Rodella de Andrade Tittoto²

Há muitos anos, a Associação Internacional de Psicanálise (IPA), vem propondo às suas diversas Sociedades espalhadas pelo mundo, que a experiência do olhar psicanalítico não se restrinja apenas ao espaço interno do consultório psicanalítico, da sala de análise, mas sim, crie novos alcances, para muito além do divã, em trabalhos tais, que façam viver a interlocução com a comunidade.



Aqui em nossa cidade, essa Associação é representada pela **Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.**



¹ Apresentação a ser realizada dia 20.03.2015, no Centro de Voluntariado de Ribeirão Preto (SP). Outro título: “A Busca de práticas efetivas de construção do sentido, na interação entre Psicanálise e Voluntariado”.

² Psicóloga, Psicanalista, Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto. Atual Diretora de Cultura e Comunidade da SBPRP.

Esta tem oferecido alguns exercícios dessa espécie, através das seguintes atividades:

- O **Cinema & Psicanálise** _ onde há a exibição de um filme todos os meses e depois ele é comentado por um psicanalista;
- O **Serviço de Atendimento Psicanalítico** _ que oferece análise e supervisão com psicanalistas, por um preço bem menor que aqueles comumente encontrados nos consultórios;
- O **Semeando** _ cujo objetivo é apresentar aspectos da teoria e técnica psicanalítica para estudantes e profissionais recém-formados dos cursos de Psicologia e Medicina por meio de palestras;
- O **Clinicando** _ onde ocorrem discussões de casos atendidos pelos alunos dos dois cursos citados há pouco;
- As **Supervisões no Hospital das Clínicas da FMRP–USP** _ parcerias com o Programa de Aprimoramento em Psicologia, onde há supervisões de casos atendidos e seminários clínicos.
- O **Espaço Educação** _ com reuniões, grupos de estudo, com pessoas ligadas à área de educação.
- O **Espaço Cultural** _ que visa promover eventos culturais, cursos e grupos de estudos temáticos para membros da Sociedade e convidados, procurando expandir o interesse pela cultura;
- A **Consultoria Psicanalítica** _ onde procura-se identificar fontes de sofrimento mental à pessoas ou grupos envolvidos em instituições, para que juntos possam pensar novas formas de atuação, no sentido de haver maior qualidade de saúde _ sobretudo mental _ aos envolvidos nas tarefas e àqueles que se beneficiam destas.

Esta última comissão, que acabei de trazer, tem se proposto trabalhar junto ao Centro de Voluntariado de Ribeirão Preto como um meio de incentivar e aprimorar o diálogo entre seus componentes e, elaborar projetos que visem o desenvolvimento sensível de suas habilidades, necessárias ao exercício das ações requeridas às demandas de nossa comunidade.

Quando me ofereci viver o escrever e falar sobre “Voluntariado e Psicanálise”, não tomei como foco de minha narrativa as ações em si, que ambos se propõem realizar. Mas sim _ pela minha familiaridade com a Psicanálise _ busquei depositar meu olhar sobre a pessoa que faz do exercício do voluntariado uma maneira, um modo significativo de existir. Isso, como mais um olhar _ e sinto que mais alguns enriquecem o conjunto _ que pode vir a agregar, à essa pessoa, outros modos de reapropriação das emoções e dos instrumentos culturais disponíveis.



Lembrem-se que estou aqui muito motivada a que se sintam estimulados e recompensados a agir em parceria conosco da SBPRP, já que o Voluntariado e a Psicanálise se aproximam em inúmeros pontos, estabelecendo uma relação de afinidade, uma interlocução, que pode vir a render diversas contribuições à ambos.

O “modo psicanalítico de pensar”, atrelado ao “modo de exercer o voluntariado” pode enriquecer nossa capacidade de sonhar e criar, ampliando a apreensão da realidade que nos cerca, com maior respeito às diferenças individuais, à singularidade de cada ser... E, com isso, pode tornar-nos mais aptos a captar as nuances dos desejos, conflitos e dramas humanos _ com os quais, inclusive, podemos nos identificar _ facilitando um alcance mais fidedigno ao trabalho interacional.



Acredito que, juntos, possamos descobrir formas de criar contextos e sujeitos preparados para a ação conjunta, considerando juntos, 'representações', que traduzam a maneira como o grupo pensa em suas relações com as situações e com as pessoas que o afetam.



Como sabemos, segundo a definição das Nações Unidas, "o voluntário é aquela pessoa que, devido a seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem estar social, ou outros campos..."

Percebemos que o **voluntário** é, sobretudo, um agente de transformação... Tanto em direção ao outro, como em direção a si próprio, já que acredita que também sairá transformado pela ação social com a qual procurará se envolver.

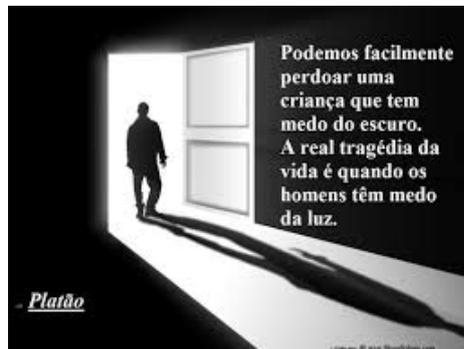


E é a partir da experiência da receptividade às expressões das necessidades do outro, e o que está por detrás delas, que se pode elaborar uma análise da expressão histórica do que somos, de quem somos, e do que podemos vir a ser.

As próprias motivações pessoais para este 'atender um-outro-que não-eu', são o resultado de um conjunto de experiências colhidas no âmbito cultural, familiar, político, religioso e emocional que revestem as paredes de nossa existência.

Para a Psicanálise, tudo tem uma **motivação**... Há a motivação consciente e há aquela inconsciente que, mais do que desvalidar ou empobrecer as ações e atitudes externas e internas, nos permite uma aproximação com a totalidade dessa nossa natureza humana... de nossas qualidades vistas pelos óculos do social como soberbas, mas também daquelas mais ocultas, percebidas como precárias, empobrecidas, desprovidas de vitalidade... Que podem ser vistas à luz da conscientização.

Aproximar-se dessas questões requer, sobretudo, confiança e fé!



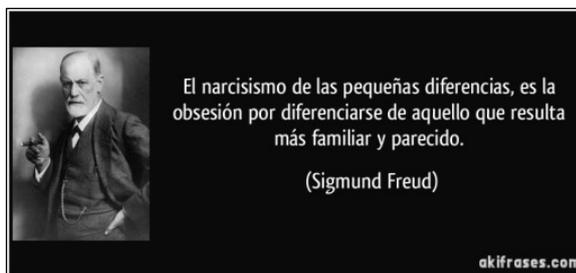
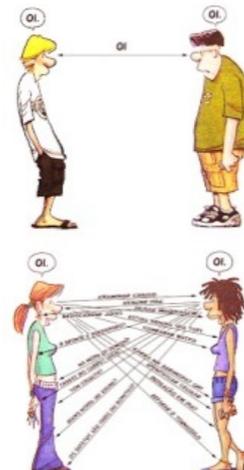
A consciência do limite pessoal implica o acolhimento e a elaboração do luto de nossa imagem como um ser perfeito, como extrato humano de superioridade... Assim podemos nos permitir nos ver como seres inacabados, em constante construção... Tijolinhos que só podem ser gerados a partir de nossa interação com o outro... Um outro que: me aflige, me inquieta, me desperta o interesse amoroso e a sede de continuar a beber da fonte de esperança para continuar a vida.



Há graus e graus de comprometimento ao que se faz, de acordo com a condição própria de viver situações que abalam crenças pessoais, capacidade de viver frustrações, de viver o encontro com o diferente...

Para isso também penso que o gesto espontâneo tenha que ser acolhido, para que não ofereçamos apenas aquilo que 'nós' _ em nossa postura narcísica _ compreendemos como sendo 'o bom'... "O bom ao outro"!

Ver o outro é também podermos pensar em como vemos a nós mesmos. Por vezes meu narcisismo permite que eu veja no outro o melhor que há de mim, então ele me é tido como "Bom" também, como "adequado"... Se este meu narcisismo não me permite ver o que considero "mau", "ruim" em mim, então muitas vezes jogo na pessoa do outro essa parte que me desagrada... O outro, passa a ser a parte deteriorada do mundo... enquanto eu me manteria altivo e perfeito.



O narcisismo das pequenas diferenças, é a obsessão por diferenciar-se daquilo que lhe é mais familiar e parecido (Freud).

As atitudes, tanto dos psicanalistas quanto as dos voluntários, cada vez mais permanentes em nossa contemporaneidade, implicam um tal comprometimento, que faz com que uma **'profissionalização voluntária'** emerja, no sentido da busca contínua de aprimoramento da sensibilidade pessoal à captação do sofrimento humano...

Então... vejo aquele que traz nas mãos e no coração o voluntariado, num caminhar muito próximo ao do analista... aproximamo-nos do ser humano... do seu desejo de fazer-se ouvir e ser compreendido em suas reais necessidades. Não apenas aquelas que se constituem nas questões da ordem do físico, da materialidade, mas sobretudo, da ordem das emoções humanas.... Será que podemos discriminar a voz de lamento, de alegria, que vem do mais profundo de nosso ser e daquele que temos ali, conosco, pertinho da gente?

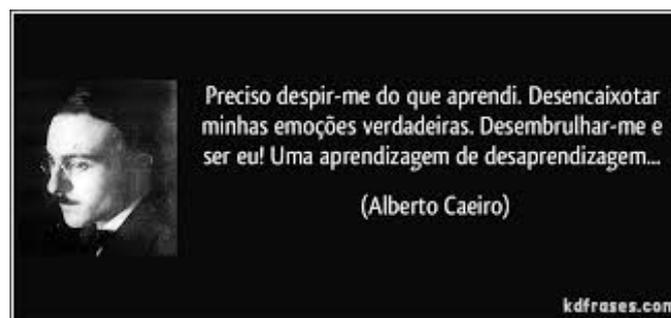


Os anos têm passado... o tempo, não para... E, a natureza humana permanece a mesma! Desde os tempos de Freud... antes, muito antes dele mesmo... A essência do sofrimento humano, suas angústias, seus desejos e aspirações, permanece a mesma!... Os dramas, as aflições, o medo da solidão, do desamparo, do abandono, o temor à rejeição, a necessidade de sentir-se **visto, amado e importante para outrem**... são alguns de nossos **anseios mais básicos**, que não discriminam local geográfico, condição financeira, posição social, época... para existir!



“Menino com olhos de safira” – foto de Vanessa Bristow

A iminência de investimentos contínuos tanto na pessoa do voluntário como na do analista, acaba por requerer um olhar sobre as maneiras com que pode desenvolver sua condição de acolher situações angustiantes com as quais se depara na sua comunidade, no lugar que reconhece como sendo ‘seu mundo’... Ser solidário é, sobretudo, conseguir interligar suas próprias emoções àquelas das pessoas que lhe trazem diferentes gradações e configurações de dor. Os seres humanos estão constantemente envolvidos na tarefa extenuante de relacionar: realidade externa e interna, desmistificando ‘versões’ e aprendendo a reconhecer atributos ‘reciclados’... em um eterno ‘re-começo’...



Como podemos colaborar para que um ser humano viva com dignidade? Como podemos trazê-lo da penúria _ física, material e emocional _ para a vida? Fazer sua relação com seu mundo florescer?



No vento e na terra (1991) _ Iberê Camargo – óleo sobre tela 200 x 283 cm.

Faço lembrar aqui também, algumas pessoas que nos chegam, em nosso trabalho, e que, em um primeiro momento, nos trazem uma sensação imensa de repulsa pelo ódio que parecem bravar a todo instante... Pessoas que quase nos impelem a afastarmo-nos delas...



Quando as exigências da vida são mais intensas, duras, é bem possível que uma couraça de proteção acabe por surgir, criando a imagem de uma pessoa fria, agressiva, distante, arrogante, autoritária e pseudo independente do outro.

Quantas vezes essas defesas se fazem rígidas e estruturadas, sufocando os aspectos mais amorosos e afetivos da pessoa? Tantas vezes se evita mexer em algumas áreas da emoção para não doer... É difícil perceber-se limites, dar-se conta do incontrolável, do vazio, daquilo que nunca se teve... Fica-se 'blindado' para não sentir a 'tal' dor...



Isso pode permanecer por anos até que, este ser encorajado, passe por uma experiência emocional transformadora, que lhe faça poder acreditar em sua condição de bem receber aquilo que é seu e de poder sustentar as emoções que um contato próximo faz emergir: o querer mais o outro, a saudade, viver a falta, a dependência afetiva...



E, falando de dependência, precisamos ter em mente que há uma parte infantil em nós mesmos, que teima em não querer crescer, em não querer se desenvolver... É aquela parte que insiste em fazer-se permanentemente dependente dos cuidados de outrem. Além de querer que 'o outro' se responsabilize por tudo que diz respeito ao seu viver... Se isso fosse plenamente consciente, este comportamento seria extinguido... Mas funciona, sobretudo de forma inconsciente, determinando descuidos pessoais a partir do mais básico dos modos de conduta e de existir...



Como podemos nos inserir nessa corrente de dinâmica pessoal de forma a quebrá-la, não permitindo que as correntes do infantilismo permaneçam?

Ou seja, prover não apenas o que ‘falta’ no que tange a certos aspectos físicos, materiais, mas colaborar para que haja o despertar da crença na capacidade de existir, pelo próprio sonhar e criar, de maneira que a pessoa antes “ajudada” passe a ser fiel ao seu potencial inato para amadurecer, para se integrar.

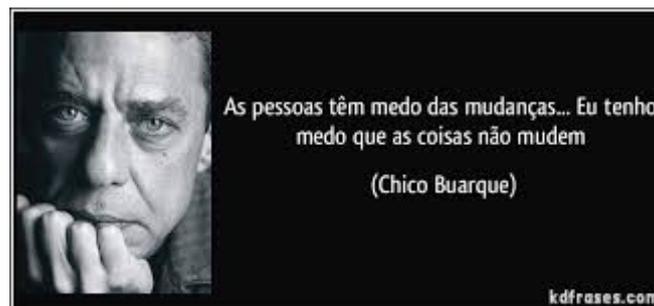
O fato dessa tendência ao amadurecer ser inata, não garante que ela ocorra realmente. É necessário criar-se um ambiente acolhedor e verdadeiro, como aquele proposto por um psicanalista chamado Winnicott, que fala sobre um ‘ambiente facilitador’, ‘suficientemente bom’... para que a esperança no crescer não seja amputada.



Crescer, demanda tempo!... Então, como observar este crescer respeitando o tempo interno de cada um pra tal?... Recordo aqui que, o tempo de dentro não corresponde ao tempo de fora, de nossos relógios... E isso também acompanha o ensejo do respeitar o jeito de cada um buscar a aproximação 'possível' às mudanças...



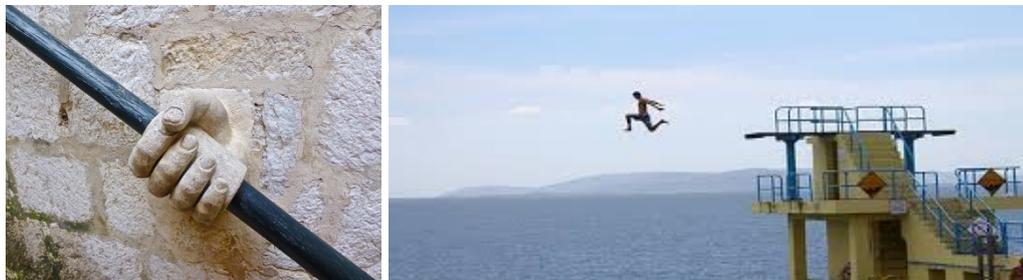
Mudanças... Isso costuma não ser também muito fácil, devido às regularidades comportamentais programadas pelo social.... Temos uma expectativa e, por vezes, ela se enrijece, cria ações hermeticamente compartimentadas... Não queremos abrir mão do específico, do pré-determinado, não cedemos lugar ao novo, à modalidades de possibilidades...



Assim, a 'manipulação', a 'persuasão', ferem, murcham, a flor da espontaneidade... E aí... Como conhecer o que não conhecemos, o inusitado, que nos instiga penetrá-lo, desabrochá-lo, querê-lo mais e mais?



Como é que nós, seres humanos, damos conta de largar as mãos dos corrimões da segurança _ ou 'ilusão' de segurança _ para mergulhar em águas de novos sentidos?



Como é que podemos ser capazes de receber, tolerar e aliviar as intensas cargas de ansiedade de aniquilamento que acompanham as mudanças?

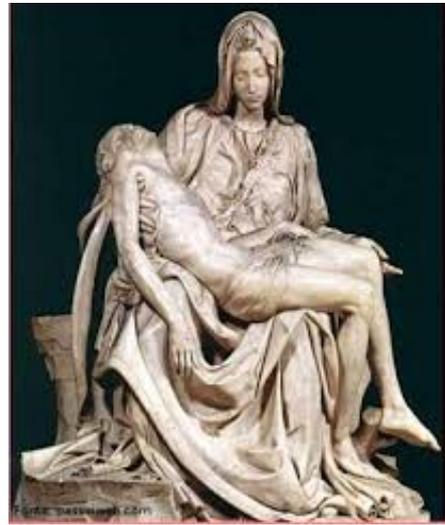
Buscamos meios e pessoas que podem nos ajudar a transformar percepções, sensações e sentimentos em elementos passíveis de serem utilizados para a formação de pensamento.

Desaço aqui, na fronteira do limite de minha exposição a vocês, que, com a possibilidade da parceria com as pessoas engajadas no **Centro de Voluntariado de Ribeirão Preto** _ em seu conjunto de vivências e experiências _ ressoa-me a tentativa de podermos, todos nós participantes, pensar essas questões trazidas e, provar e rever os **'efeitos' do voluntariado...** Efeitos que, acreditamos, ajuda-nos pensar em nossas áreas desvalidas, desamparadas... Para que possamos atender tanto a parte mais precária do social, como resgatar o que há de mais precário em nós mesmos...

Isso nos possibilita aproximar de um mundo potencial que há dentro de nós, de uma gênese secreta e febril... do sensível ao inteligível... do processo de nossa humanização... Sim, porque **não nascemos humanos....**



... tornamo-nos humanos, fazemo-nos humanos!





Agradeço mais uma vez a oportunidade de estar junto a vocês, pessoas que assumem um compromisso de engajamento, de solidariedade que repercutem por, beneficiam, o conjunto da sociedade, ensinando a experiência da reciprocidade e gerando oportunidades de participação! Vocês nos ajudam a constituir-nos sujeitos atuantes de nossa história!

Obrigada!

